
No interior do Pará: a imprensa na Vigia do século XIX¹

Jessé Andrade SANTA BRÍGIDA²
Netília Silva dos Anjos SEIXA³
Universidade Federal do Pará, Belém, PA

RESUMO

Este artigo dá continuidade a trabalhos anteriores, movidos pelo interesse em saber quem eram as pessoas que faziam parte da história da imprensa de Vigia, Pará, e como se deu parte da trajetória dessa imprensa no século XIX no interior do estado. O estudo se caracteriza como uma pesquisa exploratória, documental e bibliográfica. Foram observados os jornais *O Liberal da Vigia*, *O Espelho* e *Cidade da Vigia*, que, juntos, somam 13 edições que vão de 1882 a 1892. Os dados foram colhidos seguindo o protocolo de coleta da Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia, com alguns ajustes. Após o levantamento, fizemos busca por “Moura Palha” no acervo da Hemeroteca Digital (Biblioteca Nacional). Percebemos os enlaces sociais nos quais os periódicos estavam envolvidos, a linha editorial semelhante e parte de sua história.

PALAVRAS-CHAVE: História do Jornalismo. Jornal Impresso. Vigia. Interior do Pará. Século XIX.

Introdução

Em 2014 realizamos uma pesquisa exploratória a respeito dos jornais impressos do século XIX que haviam circulado fora da cidade de Belém, periódicos próprios das cidades do interior do Pará. O trabalho foi uma das etapas do projeto de pesquisa A Trajetória da Imprensa no Pará: do Impresso à Internet, desenvolvido na Faculdade de Comunicação e no Programa de Pós Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará (UFPA), com apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). O levantamento foi apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso em 2015 (SANTA BRÍGIDA, 2015) e

¹ Trabalho apresentado no GP História do Jornalismo, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando e mestrando pelo Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia. Bolsista Capes. Jornalista. Integrante do grupo de pesquisa Comunicação, Linguagens, Discursos e Memórias na Amazônia (UFPA/CNPq) e do projeto de pesquisa A História da Imprensa no Pará: do impresso à internet (UFPA/CNPq). E-mail: jesse.asb@gmail.com .

³ Professora da Universidade Federal do Pará, com atuação na Faculdade de Comunicação, no Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia e Programa de Pós-Graduação Criatividade e Inovação em Metodologias do Ensino Superior. Coordenadora do projeto de pesquisa História da Imprensa no Pará: do impresso à internet (UFPA/CNPq) e do grupo de pesquisa Comunicação, Linguagens, Discursos e Memórias na Amazônia (UFPA/CNPq). E-mail: netilia@uol.com.br.

possibilitou outros trabalhos (SANTA BRÍGIDA; SEIXAS, 2017; 2017). Atualmente, estamos revisitando esses dados e propondo a elaboração de uma tese de doutorado que busca trabalhar a relação entre memória e comunicação na imprensa e nas cidades do interior do estado.

Neste artigo, apresentamos parte da pesquisa a respeito dos jornais, tendo como recorte a cidade de Vigia⁴. O levantamento foi realizado na microfilmagem da Biblioteca Pública Arthur Vianna e no Acervo da Coleção Vicente Salles do Museu da UFPA. Identificamos nesses acervos três periódicos da cidade: *O Liberal da Vigia* (1877-?)⁵, *O Espelho* (1878-1879) e *Cidade da Vigia* (1890-1896), que, juntos, somam 13 edições que vão de 1882 a 1892. A partir desse contato com os jornais, nos questionamos: quem eram as pessoas que faziam parte da história desses periódicos e como se deu parte da trajetória da imprensa vigiense no século XIX?

Nossa pesquisa se deu em dois momentos. O primeiro contou com o levantamento dos dados seguindo o protocolo de coleta de dados da Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia (Alcar), com a finalidade de colher as principais informações, como data de fundação, nome dos fundadores, periodicidade, editorias, profissionais envolvidos, temáticas abordadas, entre outras. O segundo se deu a partir dos dados coletados no levantamento inicial: buscamos em todos os jornais do Pará digitalizados no acervo da Hemeroteca Digital (Biblioteca Nacional) os sujeitos envolvidos com a publicação dos jornais, membros da família Moura Palha. Foi possível encontrar 2798 ocorrências da palavra “Moura Palha”. Como foram muitas recorrências, optamos por observar apenas os periódicos que tiveram acima de 300. Para este trabalho, 1143 ocorrências foram levantadas, sendo 389 d’*O Liberal do Pará* (1869-1889), 352 d’*A Republica* (1886-1900) e 402 do *Estado do Pará* (1889-1895). Os dados foram cruzados e nos permitiram entender parte da história da imprensa dessa cidade paraense.

Tal busca se justifica pela necessidade do avanço dos estudos sobre a história do jornalismo e da imprensa no estado do Pará, pois há muito a se pesquisar sobre os jornais que circularam no interior do Pará, em especial no século XIX, haja vista que muito se perdeu ao longo dos anos e poucos são encontrados nos acervos atuais.

⁴ Localidade distante 77 quilômetros da cidade de Belém, em linha reta.

⁵ De acordo com o catálogo dos Jornais Paraoaras (1895), o jornal *O Liberal da Vigia* começou a circular em 1877 e foi até 1888. Porém, as edições disponíveis na coleção Vicente Salles, acervo pertencente ao Museu da UFPA, são de 1889.

Propomos uma pesquisa de caráter exploratório, documental e bibliográfico, tendo como base estudos desenvolvidos sobre a história da mídia impressa no Pará (COELHO 1993; 2008; 2009; SALLES 1992; SEIXAS, 2016). A seguir, falaremos da chegada da imprensa no Rio de Janeiro (1808) e no Pará (1822) para podemos perceber um pouco do desenvolvimento desse importante meio de comunicação no Brasil.

Imprensas em diálogo: Rio-Pará

A imprensa começou no Rio de Janeiro em 1808 com a chegada da família imperial portuguesa e publicação da *Gazeta do Rio de Janeiro* (MOREL, 2008). No Pará, a primeira tipografia oficial só apareceu 14 anos depois, no ano de 1822, já com a aproximação da Independência do Brasil (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985).

Por mais que a *Gazeta* tivesse um caráter mais oficial, ela já apresentava um início de certa abertura a informações que não eram somente notas imperiais (MOREL, 2008; MINDLIN, 2010). E com o desenrolar dos acontecimentos políticos, sociais e econômicos, foi possível ver surgindo aos poucos, ao longo da colônia, jornais que trouxeram assuntos regionais, nacionais e internacionais.

O primeiro jornal impresso do Pará foi *O Paraense* (1822-1823) e, assim como a *Gazeta*, também possibilitou diversas discussões na sociedade local. Fillipe Patroni, que trouxe a primeira tipografia na viagem Lisboa-Pará, chegou acompanhado do tipógrafo Garção de Melo e de outros colaboradores (COELHO, 1993; BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985). *O Paraense* era um jornal pequeno e possuía quatro páginas, divididas em duas colunas e era publicado às quartas e sábados (SANTA BRÍGIDA; SEIXAS; SILVA, 2013). Segundo Coelho (2008), o periódico era dono de grande poder de contestação, desde o nome, que já carregava um peso expressivo de identidade e luta.

O futuro criador de *O Paraense* possuía uma visão de mundo contingenciada pelos valores eleitos pelo liberalismo como inerentes ao homem civil e seus direitos naturais, daí o porquê de o projeto intelectual, mas também a estratégia política de Filipe Patroni no Pará tenham sido reflexivos da sua condição de sujeito de um tempo de rupturas (COELHO, 2008, p. 29).

O Paraense abriu uma importante porta para vários outros periódicos e a palavra impressa se espalhou pela Província do Pará (FIGUEIREDO, 2008). Apesar de ser direcionado para um público elitista do século XIX da capital, o *Paraense* penetrou na sociedade alcançando as camadas mais pobres por meio da oralidade, o que fomentou a opinião pública, acalorando os discursos sociais e políticos (FIGUEIREDO, 2008).

As cidades do interior do Pará também apresentaram importantes vestígios das movimentações sociais intensificadas, algumas até iniciadas, pelos periódicos do século XIX no Pará. No tópico a seguir, mostraremos a história da cidade de Vigia, no nordeste paraense, e sua íntima ligação com a história da imprensa e do jornalismo.

A cidade de Nossa Senhora de Nazareth de Vigia e a imprensa

A localidade onde se encontra a cidade de Vigia foi, primeiramente, habitada por índios Tupinambás, que lhe deram o nome de Uruitá (que significa *pedra de galinhas*) (IBGE, s.d.a). Por questões estratégicas do poder colonial, a localidade foi transformada em um alfandegário guarnecido chamado Vigia, a fim de proteger e fiscalizar possíveis embarcações contrabandistas. Com essas medidas, um povoado se formou e, no ano de 1698, a localidade foi elevada à categoria de vila. Só após a Independência do Brasil (1822) o povoado passou a ser considerado município (IBGE, s.d.a).

Vigia também foi um importante palco para as revoltas da Cabanagem⁶, no ano de 1835. O município foi alvo de depredações que só cessaram em 1836, com a chegada do major Francisco Sérgio de Oliveira. Passado alguns anos, mais especificamente, no ano de 1854, ganhou o *status* de cidade (IBGE, s.d.a).

Vigia foi a segunda cidade a apresentar um jornal no Pará⁷ e teve 23 periódicos no século XIX. Foram eles: *O Vigiense* (1852-?), *O Boquinha de Moça* (1856-?), *O Publicista* (1874-?), *O Vigiense* (1874-1879), *O Liberal* (1876-?), *O Vigilante* (1876-?), *O Liberal da Vigia* (1877-?), *O Orvalho* (1877-1878), *O Espelho* (1878-1879), *A Boquinha de Moça* (1879), *A Bussola* (1881-1882), *O Município de Vigia* (1882-1884), *O 31 de Agosto* (1883), *28 de Setembro* (1884-?), *O Crepusculo* (1886-?), *Iracema* (1886-?), *A Borboleta* (1887-?), *Cidade da Vigia* (1890-1896), *Cinco de Agosto* (1892), *A Luz* (1892-1893), *Echo do Norte* (1893-?), *A Lucta* (1893-1894) e *A Estrella* (1899-?) (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985).

⁶ A Cabanagem foi uma revolução social que aconteceu em Belém (PA), em 1835, e que ocasionou mais de 30 mil mortos. Mesmo após a retomada de Belém pelos “legalistas”, em 1836, os cabanos ainda relutaram pelos rios e igarapés do Amazonas, do Madeira e do Tocantins, em um movimento de fuga e de interiorização. Revolucionaram cidades como Santarém, Manaus e toda a região até a fronteira com o atual estado do Amapá. Também foram em direção à calha dos rios Tocantins e Madeira, chegando ao Maranhão e ao Piauí. Deixaram atrás de si um legado de lutas em favor dos menos favorecidos (RICCI, 2006). É considerado um movimento pós Independência do Brasil e uma das maiores lutas políticas ocorridas no Pará, onde as classes desfavorecidas aliaram-se às camadas que lutavam por maior poder político para reivindicar melhores condições sociais (BEZERRA NETO, 2001). É ainda considerado o único movimento no Pará em que as classes populares conseguiram alcançar o poder (SALLES, 1992).

⁷ Ficando atrás apenas de Belém (1822).

Atualmente, apenas algumas edições de *O Liberal da Vigia*, *O Espelho* e *Cidade da Vigia da Vigia* estão nos acervos pesquisados. Esses jornais trazem vestígios da imprensa da cidade que estão perpassados por políticas e agendamentos próprios do momento de transição do Império para a República em que a pequena cidade no nordeste paraense passava, não somente ela, mas todo o país.

Imagem 1 - O Liberal da Vigia, 22 out. de 1882, ano 7, n. 38, p. 1.

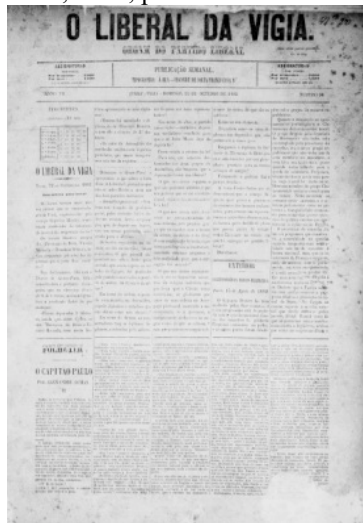


Imagem 2 - O Espelho, 19 de jan. 1878, n. 15, p. 1



Imagem 3 - Cidade da Vigia, 06 de jul. 1890, p. 1



Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

O Liberal da Vigia

O jornal *O Liberal da Vigia* começou a ser publicado em 05 de janeiro de 1877 e era a continuação do periódico *O Liberal* de 1876⁸ (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985). Há quatro edições disponíveis d'*O Liberal da Vigia* na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, que vão do dia 22 de outubro a 12 de novembro de 1882. No Museu da UFPA, há mais 05 edições, que vão do dia 10 de março a 07 de abril de 1889. O jornal era semanal, publicado aos domingos. Em 1882, a tipografia ficava na Rua Visconde de Souza Franco, e em 1889, ficava na Rua Nazareth, n. 21⁹. O jornal tinha quatro páginas, tanto em 1882 como em 1889, com os seguintes valores: assinatura trimestral de 3:000 réis e mensal de 1:200 réis. O valor do avulso, em 1882, era de 300 réis e, em 1889, de 200 réis. O jornal trazia as seções “O Liberal da Vigia”,

⁸ *O Liberal* (1876-?) foi o primeiro jornal do Partido Liberal na cidade de Vigia. Foi dirigido por Raymundo Bertoldo Nunes e a primeira edição foi no dia 15 de julho de 1876 (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985).

⁹ No catálogo dos Jornais Paraoaras (1985), aparecem dois endereços. O primeiro, na Rua Nazareth, e depois na Rua Visconde do Rio Branco, número 2 (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985).

“Ephemeridades”, “Folhetim”, “Exterior”, “Chonica Geral”, “Solicitados” e “Anuncios”.

Não foi indicado, no próprio jornal, nenhum nome como proprietário ou editor em 1882. Porém, há uma notícia publicada pelo jornal *A Constituição* (1874-1886) de 02 de maio de 1878, em Belém, em que o nome de Modesto Augusto de Moura Palha foi citado como sendo o proprietário d’*O Liberal da Vigia*.

O sr. GIL SOUZA..... a dedo, porque até um cidadão inteiramente desconhecido, um tal Modesto Augusto de Moura Palha foi lembrado pelo sr. dr. Malcher, que nem sabia se tal homem existia; a dedo sr. presidente, porque o proprietário do *Liberal da Vigia* foi também escolhido, isto é, o próprio acusador da camara municipal; a própria parte interessada foi parte componente dessa comissão! (*Cruzão-se diversos apartes*) (A CONSTITUIÇÃO, 02 mai. 1878, ano 5, n. 97, p.1).

O que reforça essa hipótese são as várias citações no próprio *O Liberal* que elogiam a família Moura Palha: por ter libertado escravos, por ser uma “família digna”, por estar envolvida nas questões educacionais da cidade ou por traduzir textos do francês para serem publicados no periódico. Porém, em 1889, consta no jornal o nome de Leopoldo Manoel David de Siqueira como “empresario” e Henrique Moura Palha como redator (O LIBERAL DA VIGIA, 26 mar. 1889, ano 14, n. 10, p. 1). O jornal era órgão do Partido Liberal da cidade de Vigia (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985), o que se refletia diretamente nos textos, sempre com cunho político de contestação ao Partido Conservador.

No período entre 1876 e 1890, os jornais *O Espelho* e *A Borboleta* tiveram o nome Moura Palha, direta ou indiretamente, envolvido na redação e produção. No caso d’*O Espelho* não fica tão evidente, o que apenas foi possível notar cruzando os dados e percebendo que havia um casamento entre a família Moura Palha e Palheta, sendo Palheta proprietária de *O Espelho*.

O Espelho

O Espelho teve o primeiro número no dia 01 de setembro de 1878 e deixou de circular na 39ª edição, em 1879. Era impresso na tipografia de *O Liberal da Vigia* (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985). No jornal, informa-se que o exemplar avulso custava 50 réis e não aparecem valores referentes a assinaturas. As seções observadas foram “O Espelho”, “Um Pouco de Tudo”, “Variedades” e “A Pedidos”.

Como principais nomes do periódico eram apontados Manoel Epaminondas de Vasconcellos Palheta e Augusto Ramos Pinheiro, citados como sendo os diretores (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985). Como o jornal só apresenta uma edição, não é possível definir ao certo quais as principais temáticas publicadas. O periódico se destaca dos outros jornais analisados, pois trazia mais a questão literária em evidência, o que não excluía os textos com informações sobre a cidade e críticas à política.

É possível cruzar os dados coletados por meio da ficha da Rede Alcar e dos textos selecionados pelo buscador de palavras da Hemeroteca Digital e perceber que existia um laço familiar entre os dirigentes dos periódicos. No caso, os jornais *O Liberal da Vigia*, que era controlado pela família Moura Palha, e *O Espelho*, que tinha como diretor um membro da família Palheta. Esse parentesco se confirmou a partir do jornal *Cidade da Vigia* que, no dia 13 de agosto de 1893, publicou uma nota de falecimento em que deixou evidente a conjuntura familiar em questão, explicitando, assim, que havia um casamento entre a família Moura Palha e Palheta.

Na madrugada de 6 do corrente desprende a ultima vibração da vida da exma. sra. d. Leopoldina de Moura Palha, mãe de numerosa familia, viuva do capitão Raphael José Rodrigues Palheta e tia pela parte paterna do nosso chefe, o sr, senador Moura Palha. (...) A familia da finada damos sinceros pezames (CIDADE DA VIGIA, 13 ago. 1893, ano 8, n. 18, p. 2).

Ou seja, *O Liberal da Vigia*, *O Espelho* e *Cidade da Vigia* estavam ligados por enlaces familiares, que foram percebidos por vestígios espalhados nas edições analisadas e ficam mais evidentes a partir do jornal *A Cidade da Vigia*, periódico que perpetuou a força política da família Moura Palha na cidade. Pois, se lá n' *O Liberal* a família Moura Palha só aparecia como pessoas envolvidas com a política, imprensa e educação, no jornal *Cidade da Vigia*, Francisco Moura Palha passa a aparecer como intendente (prefeito) da cidade e senador. E membros da família Palheta aparecem nas notas oficiais publicadas em *Cidade da Vigia* como membros da Intendência Municipal.

Cidade da Vigia

Dando continuidade ao legado da família Moura Palha na imprensa, surge em 1890 o jornal *Cidade da Vigia*¹⁰, que circulou até 1896 (BIBLIOTECA PÚBLICA DO

¹⁰ No catálogo (1985), *A Cidade da Vigia* começou a circular em 01 de janeiro de 1890. Contudo, o jornal *A Republica* (1886-1900) traz a informação que o *Cidade da Vigia* começou a circular no dia 01 de março de 1890.

PARÁ, 1985). Não se tem a primeira edição do jornal, porém, n^o *A Republica* do dia 06 de março de 1890, foi possível encontrar parte do primeiro texto do jornal *Cidade da Vigia*, que explica a “missão” do periódico.

“Cidade da Vigia”

Fomos honrados com a visita do 1º número da *Cidade da Vigia*, valente órgão do partido republicano d’aquella importante localidade, sob a direção dos nossos distintos amigos Francisco de Moura Palha e Francisco de Abrahão F. de Athayde.

Justificando o seu aparecimento diz o illustrado collega:

“NUNCA fez-se tão preciso o apparecimento de um jornal nas condições da cidade da Vigia, do que na quadra actual, em que os falsos apóstolos da *democracia* formigam por toda parte a pregar ao povo doutrinas errôneas, civadas de embustes, somente para illaquearem a bôa fé dos incautos.

Foi debaixo deste perigoso ponto de vista que, aconselhaos pelo dever do verdadeiro partido, nos propôzemos a publicar o presente jornal, para darmos aos nossos concidadãos uma perfeita orientação política; fazendo a luz sobre todos os acontecimentos que já se deram e que continuam a dar-se em nossa cara e estremecida Patria” (A REPUBLICA, 06 mar. 1890, n. 15, p. 2).

De acordo com as duas edições analisadas do *Cidade da Vigia*, dos anos de 1890 e 1893, a tipografia era própria do jornal e ficava localizada na Rua Nazareth, n. 19¹¹. Era dirigido por Raymundo Cabral e tinha o intendente da cidade, Francisco de Moura Palha¹², como redator-chefe e proprietário (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985). Por esse motivo, o teor do jornal era mais oficial. Informações do próprio jornal indicam que o exemplar avulso custava 200 réis e as assinaturas mensais eram no valor de 1\$000 réis. As principais seções eram “Cidade da Vigia”, “Imprensa Nacional”, “Variedades”, “Gazetinha”, “Editaes”, “Annuncios”, “Noticiários” e “A Pedidos”.

O *Cidade da Vigia*, como órgão do partido Republicano, trazia as decisões políticas da época que correspondiam aos primeiros anos da República. Por ser um órgão do partido que estava no poder, não houve críticas políticas nas edições analisadas. Ele seguia uma proposta de divulgar os atos do intendente municipal e as questões que estavam mudando na transição do Império para a República.

A família Moura Palha e o caminho até a imprensa

¹¹ O catálogo dos Jornais Paraoaras indica que a tipografia ficava na Rua Moura Palha (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985).

¹² No catálogo dos jornais Paraoaras (1985), o nome do redator é Henrique Moura Palha. Porém, no próprio jornal quem aparece como dono e redator é Francisco de Moura Palha.

A partir da ocorrências de “Moura Palha” na Hemeroteca Digital foi possível observar parte da história da família e perceber como foram se dando as relações públicas que desencadearam nos periódicos estudados e na repercussão do nome Moura Palha na imprensa de Vigia e Belém.

Seguindo uma linha genealógica, tem-se o patriarca José Pedro de Moura Palha, que serviu ao Exército e esteve sempre ligado à administração pública da cidade de Vigia.

José Moura Palha lutou contra a Cabanagem na cidade de Vigia, a favor das tropas legalistas, em 1835, e ajudou na reorganização da cidade em 1836, o que, de acordo com os jornais pesquisados, possibilitou-lhe ascender na vida pública e encabeçar diversos projetos administrativos. O trecho do jornal *A Republica* noticia a morte de José Moura Palha e faz um pequeno retrospecto da carreira do militar.

Nascido em 1816, quando apenas tinha 19 anos, vio-se obrigado na defesa da patria a pegar em armas contra os rebeldes, que em 1835 fizeram na Vigia a terrível carnificina que até hoje horroriza aos que d’ella tem tido notícias, trabalhando ainda na restauração da legalidade ao lado das forças do governo em 1836 (A REPUBLICA, 18 fev. 1890, n. 2, p. 2).

Não foi possível montar toda a árvore genealógica partindo de José de Moura Palha, porém dois filhos foram os mais recorrentes na imprensa de Vigia e Belém: Modesto Augusto e Francisco de Moura Palha. Ambos também serviram ao exército e eram advogados. Participaram ativamente na vida pública, sendo, com mais destaque, o Senador Francisco de Moura Palha, que também foi intendente da cidade de Vigia nos anos 1890 e dono do periódico *Cidade da Vigia*.

Francisco de Moura Palha iniciou a carreira como promotor público da cidade de Macapá¹³ (O LIBERAL DO PARÁ, 02 mai. 1877, ano 9, n. 98, p. 1), que, na época, fazia parte do território do Pará. Foi realocado para Vigia no ano de 1878 (O LIBERAL DO PARÁ, 01 ago. 1878, ano 10, n. 173, p.1). Na política, foi primeiramente do Partido Liberal, tanto que encabeçou o jornal *O Liberal da Vigia* com o irmão Modesto Augusto de Moura Palha. Francisco era um nome recorrente no jornal *O Liberal do Pará*, que circulava na cidade de Belém, sempre com destaque e vários elogios à atuação nos

¹³Macapá pertencia ao estado do Pará até o ano de 1943, quando pelo Decreto-Lei Federal n.º 5.812, de 13 de setembro daquele ano, foi criado o Território Federal do Amapá e o município de Macapá transferido para o novo estado (IBGE, s.d.b).

diversos campos, jurídico, político e administrativo. Era sempre denominado “o amigo” pelos periódicos que faziam parte do partido.

Também vindo no mesmo vapor, acha-se entre nós o nosso amigo capitão Francisco de Moura Palha, redactor do *Liberal da Vigia* e membro da comissão parcial do partido liberal n’aquella cidade. (O LIBERAL DO PARÁ, 04 out. 1887, ano 17, n. 223, p. 2).

Porém, essa relação amigável chegou ao final em 1890. Francisco Moura Palha se filiou ao partido Republicano juntamente com o grupo que antes fazia parte dos ideais liberais da cidade de Vigia. Esse mesmo grupo convocou os cidadãos da cidade para se juntarem ao partido Republicano.

Aos vinte e nove dias do mez de dezembro, do anno de mil oitocentos e oitenta e nove, primeiro da Republica Federal Brasileira, n’esta cidade da Vigia, no escriptorio de advocacia do cidadão Francisco de Moura Palha, presentes todos os membros nomeados pelo povo para comporem o directorio do Partido Republicano n’esta parochia, ás 9 horas da noite do mesmo dia, resolveram que se mandasse lavrar o presente termo de adhesão leal e franca, para ser assignado no livro especial por todos os cidadãos da mesma parochia, que quizessem, de livre e espontânea vontade, assignal-o; pois que o fim da comissão é conhecer os verdadeiros patriotas que adherem e acompanham francamente o Partido Republicano de que é chefe o disticto cidadão dr. José Paes de Carvalho. E para constar mandou a mesma comissão lavrar o presente termo, que vae também por Ella assignado. – Eu Francisco Abrahão Furtado de Athayde, secretário que o subscrevi e assigno (A REPUBLICA, 04 mar. 1890, n.13, p. 1).

Quando fazia parte dos liberais, Francisco era atacado por periódicos opositores, porém, os ataques não pareciam causar-lhe estranhamento. Suas defesas públicas eram pontuais. Na entrada para o Partido Republicano, ele se manifesta arduamente sobre a oposição de pessoas que antes eram amigas e que passaram a lhe atacar por meio da imprensa.

Hontem era eu dedicado, prestatimoso, inteligente e excellente amigo, e hoje até já suspeitam da minha probidade!...
Dissolvido o partido liberal em que militava, alistei-me nas fileiras dos verdadeiros democratas, isto é, dos republicanos (A REPUBLICA, 25 mar. 1890, n. 32, p. 2).

Francisco de Moura Palha encabeçou, assim, o projeto do jornal *Cidade da Vigia*, que tinha por interesse de propagar a ideia do partido Republicano na cidade de Vigia. Além de veículo oficial do partido, era também responsável por publicar as decisões da Intendência Municipal, que na época estava sob o comando de Francisco Moura Palha.

As ações da família Moura Palha na imprensa não ficaram exclusivas à cidade de Vigia. Outro nome importante foi Henrique Moura Palha, filho de Francisco, que foi também redator da *Folha do Norte* (1896-1974) em Belém. Agia ainda nos jornais *A Borboleta*¹⁴ (Vigia), do qual era dono, e *Cidade da Vigia*.

Francisco de Moura Palha morreu e foi sepultado em Belém, no dia 25 de maio de 1912, decorrente do agravamento de uma doença. O jornal *Estado do Pará* divulgou a notícia, desejando condolências à família e celebrando a pessoa pública de Francisco Moura Palha.

Finou-se hontem, às 4 horas da tarde, nesta capital, á rua Santo Antônio, n. 73, o sr Coronel Francisco de Moura Palha, antigo político na cidade de Vigia de onde chegara há dias, enfermo, sogro do sr. desembargador Pires dos Reis, e pai do Sr. Henrique Palha, redator da *Folha do Norte* (ESTADO DO PARÁ, 26 abr. 1912, ano, n., p.).

Os jornais da cidade de Vigia e de Belém, que temos atualmente disponíveis, mostram parte do percurso da família Moura Palha e o seu legado para a história da imprensa no Pará, principalmente na pequena cidade no nordeste paraense.

A rede dos jornais: ligação Belém-Vigia

Como o jornal *O Liberal da Vigia* era um órgão oficial do Partido Liberal, ligava-se diretamente ao jornal *O Liberal do Pará* (1869 - 1889), que era o órgão oficial do partido em Belém. Havia um intenso diálogo entre os dois, principalmente quando rebatiam críticas. O periódico *A Constituição* (1876 - 1886) era órgão do Partido Conservador na capital e principal rival político dos liberais.

Esse intenso embate entre os partidos Liberal e Conservador implantou na história da imprensa da cidade de Vigia árdua discussão sobre diversas temáticas, possibilitando debates acalorados a respeito de assuntos os mais diversos. *O Liberal da Vigia* utilizava palavras que buscavam rebaixar o jornal *A Constituição*, chamando-o de “Gazetinha”, “Papel” ou “Pasquim”.

Os vestígios a que se pode ter acesso mostram que o embate político entre os conservadores e os liberais, no que tange às políticas públicas, era a questão da urbanização e “modernidade” da cidade. O jornal, cumprindo a função de órgão oficial

¹⁴ Sobre o jornal se têm apenas os dados do catálogo dos jornais Paraoaras (1985) que evidenciam que um dos redatores era Henrique de Moura Palha, juntamente como F. F. de Vilhena Alves. O primeiro número do periódico é de 30 de janeiro de 1887 e tinha um teor mais literário e era semanal (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985).

do Partido Liberal, colocava-se adepto de que a maior parte do dinheiro público deveria ser investido na urbanização. Ele era taxativo nas acusações sobre a utilização dos recursos por terceiros, no caso, os conservadores, para o custeio de materiais da igreja Católica da cidade de Vigia. O jornal chamava o Conservador de “partido da ordem, do throno e do altar”.

No que diz respeito ao embate dos dois primeiros jornais, *O Liberal da Vigia* e *O Espelho*, eram recorrentes críticas severas a condutas dos sacerdotes da época. Esse posicionamento de viés político era devido à participação de padres no Partido Conservador. O texto, a seguir, foi retirado da edição do dia 29 de setembro de 1882 do jornal *O Liberal da Vigia* e evidencia que o periódico tinha uma abertura expressiva a notícias que envolvessem crimes ou más condutas de sacerdote em qualquer lugar do país, tanto que a notícia era proveniente de São João de Itaboraí, Rio de Janeiro.

O dr 1º delegado de policia da corte effectuou no dia 7 do corrente a prisão effectual no dia do cadete a prisão do reverendo padre José Manfredo, que DEFLOUROU uma pobre menina de 10 annos de idade! (...) No intuito de bular a ação da autoridade, o bom padre já estava munido d’um passaporte falso para seguir para á Europa (O LIBERAL DA VIGIA, 29 set. 1882, n. 38, p. 3).

Os sacerdotes pareciam ser assunto recorrente no jornal. *O Espelho* publicou uma carta assinada com o pseudônimo de “Tio Joaquim Antônio” que atacava diretamente a ideia de santidade dos padres. Tal foi a importância dada à carta pelo periódico, que ela foi considerada um “segundo editorial” do dia.

Assim, meus caros amiguinhos, é que eu entendo, na minha selvageria e ignorância, a pregação da palavra de Deos. Mas dizer a pregação como cousa e praticar outra; gritar contra a Soberba, e estar elle mesmo com o coração inchado de soberba e de orgulho; bradar contra a calunia, e, por meio da palavra falada ou escrita, caluniar o próximo; clamar contra a ira e ter ao mesmo tempo o coração cheio de rancor e desejos de vingança(...) Disponham deste seu tio que os estima tambem la’ no fundo do coração (O ESPELHO, 19 jan. 1879, n. 15, p. 2).

Esse tipo de debate foi mais evidente n’*O Liberal da Vigia*, tanto por ter mais edições disponíveis como por apresentar com maior frequência assuntos que envolviam sacerdotes. As discussões parecem amenizar somente no jornal *Cidade da Vigia*, que

envolvidos pelos ideais republicanos e pela separação da Igreja do Estado em 1890¹⁵, assumiu um tom mais conciliador.

De cahos que vivíamos, na epocha monarchia, passamos devido a um momento de sincero patriotismo, a um estado de reconstrução. Todos os erros e vícios da situação passada exigiam reformas. [...] A Igreja foi separada do Estado e ambas as sociedades começam a exercitar os seus direitos livremente, sem prejuízos communs (CIDADE DA VIGIA, 06 jul. 1890, n. 16, p. 1).

As ligações políticas dos jornais eram facilmente percebidas, talvez por isso esses assuntos fossem presentes. Os embates políticos eram comuns na imprensa de todo o Brasil no século XIX (BARBOSA, 2010), pois a mídia impressa serviu como um palco propício para questões dessa natureza. A imprensa em Vigia não estava fora do contexto político da transição de Império para a República.

A ligação entre os jornais estava presente na forma editorial que os periódicos foram graduando entre o período de 1879 e 1893. *O Liberal da Vigia* e *O Espelho* tinham linguagens muito semelhantes, sempre de ataque às questões políticas em que eles não eram de acordo, valendo-se de ironias e ataques diretos.

Esse cenário mudou no *Cidade da Vigia*, o jornal assumiu uma postura mais conciliadora, pois não atacava os partidos contrários ou não fazia as denúncias irônicas comuns n’*O Liberal da Vigia*. Ele tinha uma linguagem menos acalorada e extravagante, sendo mais direta e oficial. Mantinha uma relação mais amigável com os assuntos religiosos, possivelmente, porque Moura Palha, como intendente da cidade e senador, buscava mais diplomacia e menos ataques diretos.

Considerações finais

A história da imprensa no Brasil possibilita entender parte do contexto em que a palavra impressa esteve inserida no país, desde a chegada ao Rio de Janeiro até o Pará. Com uma diferença de 14 anos de uma para outra, essas imprensas possibilitam um desenho contextual da sociedade da época e ecoam nos dias atuais memórias ainda vivas e que se perpetuaram na rede de memórias sociais.

O Pará foi um importante produtor de jornais no século XIX, não só na capital, onde se concentrou a maior produção, mas também nas cidades mais afastadas, que

¹⁵ Para mais informações sobre a separação entre Igreja e Estado no século XIX, recomendamos a leitura de Mendonça (2003).

seguiram caminhos próprios sem perder o diálogo com a capital, com outros municípios, com outros estados e até mesmo fora do país.

Vigia se coloca de forma interessante nesse contexto. Os jornais da cidade, se comparados aos jornais atuais, eram simples, tinham poucas imagens e traziam bastante texto. Os dados colhidos ajudam a entender como eram organizados esses jornais, os valores, os endereços e, principalmente, os nomes que estavam à frente dos periódicos.

A partir desses nomes foi possível perceber um quadro contextual e social dos periódicos da pequena cidade do nordeste paraense. A família Moura Palha se articulou entre Vigia, Belém e Macapá, por meio de cargos públicos e da imprensa, sempre opinando sobre os diversos assuntos. É possível dizer que a família constituiu um importante legado para a história da imprensa no Pará ao possibilitar à cidade de Vigia compartilhamento e diálogo por meio da imprensa, tanto com Belém como com outros estados e municípios.

Os jornais da cidade de Vigia possibilitam observar parte das configurações sociais que estavam entrelaçadas e ecoam nas páginas impressas. Esse material traz vestígios (BARBOSA, 2010) que permitem desenhar um pouco a história da imprensa no interior do Pará.

Dentro do contexto histórico do século XIX, é expressiva a produção de periódicos da cidade de Vigia. Por mais que os 23 não tenham chegado aos dias atuais, as edições dos três jornais analisados possibilitam o entendimento de parte da história da imprensa do interior. Avançar mais nas histórias dos periódicos do Pará é também entender como a imprensa se desenvolveu nessa região, com peculiaridades que ainda precisam ser melhor contextualizadas e entendidas, buscando novos acervos e possíveis edições que não receberam o devido tratamento.

Referências

BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa**: Brasil, 1800-1900. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

BEZERRA NETO, José Maia. A conquista portuguesa da Amazônia. In: ALVES FILHO, Armando dos Santos; SOUZA JÚNIOR, José Alves de; BEZERRA NETO, José Maia (Org.). **Pontos de História da Amazônia**. 3 ed. Belém: Editora Paka-Tatu, 2001, p. 11-26.

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ. **Jornais Paraóaras**: catálogo. Belém: Secretaria de Estado de Cultura, Desportos e Turismo, 1985.

SANTA BRÍGIDA, Jessé Andrade. **Jornais do Interior**: um lugar de memória. 2015. 111 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). Faculdade de Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2015.

SANTA BRÍGIDA, Jessé Andrade; SEIXAS, Netília Silva dos Anjos. Do alto da Vigia: os jornais da cidade no nordeste paraense. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 11., 2017, Rio Grande do Sul. São Paulo, **Anais...**2017. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/11o-encontro-2017/gt-2013-historia-da-midia-imprensa/do-alto-da-vigia-os-jornais-da-cidade-no-nordeste-paraense/view>. Acesso em: 06 jun. 2019.

_____. Um olhar de dentro: Cameté na construção discursiva dos jornais da cidade. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL MÍDIA E DISCURSO NA AMAZÔNIA, 2., 2016, Belém. **Anais...** Belém,: PPGCom/UFPA, 2016.

_____. O Paraense e Treze de Maio: sentidos sobre povo do Pará em momentos de transformação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 36., 2013, Manaus. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2013. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-1535-1.pdf>. Acesso em: 05 ago. 2017.

COELHO, Geraldo Mártires. **O espelho da natureza**: poder, escrita e imaginação na revelação do Brasil. Belém: Paka-Tatu, 2009.

_____. O surgimento da imprensa no Pará. In: **Revista Pará Zero Zero**: imprensa, ideias e poder. Publicação bissetimanal da Editora Resistência, ano 2, n. 5, p. 22-39, ago./set. 2008.

_____. **Anarquistas, demagogos e dissidentes**: a imprensa liberal no Pará de 1822. Belém: CEJUP, 1993.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. Uma história impressa: os jornais paraenses, 1822-1922 (primeira parte). **ZYG360.com**. Publicação trimestral da Fundação de Telecomunicações do Pará. Belém, ano 1, n. 4, p. 36-38, nov. 2008.

FUNDAÇÃO CULTURAL DO ESTADO DO PARÁ. 2016. Disponível em: <http://www.fcp.pa.gov.br/espacos-culturais/sede/biblioteca-arthur-vianna>. Acesso em: 24 de mar. 2014.

GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ. Arquivos para baixar, 2010. Disponível em: http://www.pa.gov.br/O_Para/arquivos.asp. Acesso em: 04 de mar. 2017.

IBGE. Cidades: banco de dados. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/v4/brasil/pa/vigia/historico>. Acesso em: 05 de nov. 2014. S.d. a.

_____. Cidades: banco de dados. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/v4/brasil/ap/macapa/historico>. Acesso em: 03 ago. 2016. S.d. b.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. República e pluralidade religiosa no Brasil. In: **Revista USP**. Publicação trimestral da Universidade de São Paulo. São Paulo, n. 59, p. 144 – 163, set./nov. 2003.

MINDLIN, José. Imprensa Régia: seu significado e suas realizações. In: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia (Org.). **Impresso no Brasil**: dois séculos de livros brasileiros. São Paulo: Unesp, 2010, p. 19-21.

MOREL, Marco. Os primeiros passos da palavra impressa. *In*: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. (Org.). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 23-44.

RICCI, Magda. Cabanagem, cidadania e identidade revolucionária: o problema do patriotismo na Amazônia entre 1835 e 1840. *In*: **Revista Tempo**. Publicação três vezes ao ano da Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, v. 22, n. 11, p. 5-30, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tem/v11n22/v11n22a02.pdf>. Acesso em: 03 ago. 2016.

SALLES, Vicente. **Memorial da Cabanagem**. Belém: CEJUP, 1992.

SEIXAS, Netília Silva dos Anjos. **A trajetória da imprensa no Pará**: do impresso à internet. Projeto de pesquisa em andamento, aprovado no Edital Universal CNPq no. 01/2016. Belém: UFPA, 2017.